



1730 - Pôster - XII ANPEd-SUL (2018)  
Eixo Temático 20 - Sociologia da Educação

**SOCIEDADE E EDUCAÇÃO EM BAUMAN: AS PORTAS DO LABIRINTO**  
Claudionei Vicente Cassol - UNIVERSIDADE REGIONAL INTEGRADA DO ALTO URUGUAI E DAS MISSÕES  
Agência e/ou Instituição Financiadora: PROSUC-CAPES

O presente texto desenvolve uma perspectiva de fundo pragmático a partir das concepções teóricas de Bauman acerca da educação como instituição social. O debate objetiva relacionar a educação como ocorrência social e, desde o *locus* instituinte das escolhas humanas, compreender a educação como "caráter" e não "destino", portanto, constituinte dos aprendizados e do conhecimento individual. Ao se inserir em processos comuns, os indivíduos se anulam subjetivamente e objetivamente envolvem-se em processos de "ignorância". Bauman identifica práticas necessárias da educação que decorrem de sua percepção e crença de que ainda subsiste nos indivíduos uma necessidade ou, pelo menos, ações sociais e de algum cunho coletivo. Entre os ensinamentos possíveis e necessários para o ato educativo, Bauman parece apontar a construção de uma consciência do individualismo, aprender a operar no mundo líquido e o enfrentamento da volatilidade do poder. O texto está organizado como resumo expandido, dividido em três momentos: situação do problema em debate, discussão teórica a partir de Bauman, e resultados.

## **SOCIEDADE E EDUCAÇÃO EM BAUMAN: AS PORTAS DO LABIRINTO**

### **Resumo:**

O presente texto desenvolve uma perspectiva de fundo pragmático a partir das concepções teóricas de Bauman acerca da educação como instituição social. O debate objetiva relacionar a educação como ocorrência social e, desde o *locus* instituinte das escolhas humanas, compreender a educação como "caráter" e não "destino", portanto, constituinte dos aprendizados e do conhecimento individual. Ao se inserir em processos comuns, os indivíduos se anulam subjetivamente e objetivamente envolvem-se em processos de "ignorância". Bauman identifica práticas necessárias da educação que decorrem de sua percepção e crença de que ainda subsiste nos indivíduos uma necessidade ou, pelo menos, ações sociais e de algum cunho coletivo. Entre os ensinamentos possíveis e necessários para o ato educativo, Bauman parece apontar a construção de uma consciência do individualismo, aprender a operar no mundo líquido e o enfrentamento da volatilidade do poder. O texto está organizado como resumo expandido, dividido em três momentos: situação do problema em debate, discussão teórica a partir de Bauman, e resultados.

**Palavras-Chave:** Mercado; Sociedade; Indivíduo; Caráter; Poder.

### **Sobre a problemática**

A denúncia baumaniana da diluição dos processos comunitários ensina a ambivalência do próprio evento e abre o recinto das reflexões que, acreditamos, se mostram fundamentais para pensar a solidariedade e a educação nos tempos atuais. A comunidade como instituição uniforme, regulada, etnicamente semelhante, formada de indivíduos que se conhecem entre si e comungam de idênticos interesses, não consegue mais subsistir porque o próprio Estado-nação, de prática regulatória, normatizadora e legislativa, o Estado-providência, diluiu-se/ou está nesse processo. A globalização, na atenção de Bauman, suscita a desigualdade e, ambivalentemente, a manifestação das diferenças, das identidades. Embora a globalização fomente uma espécie de emancipação do Estado via governos cooptados pela política privada e, com isso, tome uma relativa distância em relação à sua população, no sentido que o poder assume a globalidade, mas a política não é capaz disso com a mesma intensidade e amplitude; as individualidades, postas no desamparo, como acontecimento decorrente, desenvolvem princípios de agregação, motivadas pela condição humana. Na solidariedade, residual da condição humana nestes tempos de interregno e da diluição das estruturas que, bem ou mal, intensa ou superficialmente, concedia alguma segurança aos indivíduos, vinculam-se perspectivas do rearranjo das comunidades. Não mais como idênticas, unívocas e coesas pela identidade étnico-cultural; mas como portas para uma segurança sempre em adaptação, ajustável, moldável ao gosto e necessidade de cada identidade.

Ao pensar a solidariedade e a educação, procuramos nos orientar no sentido de pensá-las a partir da ambivalência. Pensamos a educação, tanto no seu sentido formal quanto informal e/ou não-formal, o que, em nossa compreensão, significa da estrutura oficial, republicana de ensino e no cotidiano das relações sociais, comunitárias dos indivíduos. A educação solidária ou para a solidariedade, em nossa interpretação, aparece também em Bauman, no momento em que discute a "emancipação". Bauman, a vê como necessária, contudo, não mais a partir da ótica racional sólida, onde situa-se a "Política Pública", mas do interior das subjetividades, da "Política Vida", visto que a sociedade se encontra nesse horizonte, o da política vida/política privada.

### **Discussão**

A mesma ambivalência que permite a visualização de horizontes plurais oriundos da condicionalidade “intérprete” da modernidade líquida, revela um crescente poder que, pela sua ação, deixa claras as fronteiras abissais por onde podem transitar as potencialidades e vias de possibilidade dos indivíduos e das comunidades. A consciência da impossibilidade da vida pública, portanto da política como instância de delegação, forja o fortalecimento da ação-reação na dimensão macrosocial; fortalece os laços microsociais, pessoais, mais próximos e vitais. As determinações do mercado mundializado, capitão do capital volatilizado, fazem com que na sociedade de consumidores as pessoas/os indivíduos primeiro se vendam como mercadorias (BAUMAN, 2011b, p. 187) e almejem a satisfação de seus desejos. Na sequência percebem, de alguma forma, a insuficiência dessa atitude consumista, mas não se despem com a mesma facilidade com que se desfazem das aquisições, das compreensões-incompreensões ou enganações que lhes recaem pela força monopolista do mercado. Porém, há valores inegociáveis, que não têm valor de mercado: a “compaixão, piedade, impulso para cuidar, recusa a infligir dor, aversão a contemplar o sofrimento humano” (BAUMAN, 2011b, p. 188), indicando resíduos sólidos no interior do mundo fluido, como a solidariedade no mundo humano.

Para Bauman (2001, p. 63), as versões reduzidas da política, do Estado, podem ser denominadas, “Política Vida”. É justamente, nessa seara que “as ameaças e oportunidades da autonomia individual – essa autonomia que não se pode realizar exceto na sociedade autônoma – devem ser procuradas e localizadas”. Ao olharmos para os compromissos sociais além da escola, aparece “o dever dos pais” como o “guiar e restringir”, mas para realizá-lo de modo sério e responsável os pais e as mães precisam, em sua atitude educativa, “vigiar e supervisionar” (BAUMAN, 2003, p. 35). Bauman, ao desenvolver seu percurso teórico, no lastro da ambivalência, como compreendemos, aponta perspectivas para compreensão da realidade e das vias que favorecem possibilidades de saídas do labirinto moldado pelo mercado capitalista ou, pelo menos, de trilhas mais seguras. Faz isso, também, ao dizer:

Ilusão ou não, essas são as condições de vida que nos tocam: a coisa sobre a qual não há escolha. Se a sequência dos passos não está predeterminada por uma norma (para não falar de uma norma ambígua), só a experimentação contínua poderá sustentar a esperança de vir a encontrar o alvo, e essa experimentação exige grande quantidade de caminhos alternativos (BAUMAN, 2003, p. 119).

Na sequência, Bauman (2013, p. 120) aprofunda seu debate: “Se a realidade não for questionada e se supuser que não deixa alternativas, só podemos torná-la aceitável replicando seu padrão em nossa própria maneira de viver”. É desse ponto, inclusive, que se abre a possibilidade de pensar alternativas de vida, conhecimento, aprendizado, justamente porque a teoria baumaniana, sugere a perspectiva do pensar, questionar, refletir. Embora uma entre múltiplas vias, o caminho da racionalidade não é descartado; seu resgate é condição do caráter, da autonomia, do conhecimento dos indivíduos ante suas escolhas. Então, “por mais que devamos respeitar o direito de uma comunidade à proteção contra forças assimiladoras ou atomizadoras administradas pelo Estado e/ou pela cultura dominante, devemos também”, escreve Bauman (2003, p. 124), “respeitar o direito dos indivíduos à proteção contra pressões comunitárias que negam ou suprimem a escolha”. É o sentimento de pertença e não de correntes (SINGLY, 2006). A grande ambivalência baumaniana se evidencia na relação entre “liberdade” e “segurança”, porque Bauman (2002, p. 42) compreende a educação como “modo humano de estar-no-mundo [em] processo de aprendizagem”, o que significa não um conhecimento para a vida toda, mas aprendizado constante.

A tarefa moral do indivíduo, na visão da sociologia “Agora é, ou pelo menos me parece ser”, diz Bauman (2011a, p. 121) “a tarefa de reconstituir a sociedade como propriedade e responsabilidade comuns de indivíduos livres que almejam uma vida digna” porque é a ação do indivíduo ou sua “inação que faz toda a diferença entre sucesso e fracasso, prazer e felicidade” (BAUMAN, 2011a, p. 119). Assumindo a concepção de Leszek Kolakowski, Bauman compreende que “os homens são livres e capazes de escolher entre o bem e o mal” e é “essa capacidade de escolha que torna as pessoas responsáveis por suas ações dignas” (BAUMAN, 2011a, p. 121). Há que se considerar que Bauman estabelece uma “Humana Trindade” em que circulam individualidade, liberdade, dignidade (BAUMAN, 2011a, p. 122), revelando sua face liberal.

## Resultados

Desde o horizonte instituinte, na trilha de Castoriadis, Bauman ensina que “A dignidade dos indivíduos só pode ser alcançada numa sociedade dignificada” (BAUMAN, 2011a, p. 124). Não que seja tarefa exclusiva da educação, mas contribuição para ensinar novos sentidos, novos significados e indicar a necessidade da pluralidade/diversidade como condição humana.

Compreendemos que uma educação consciente da volatilidade das relações e, principalmente, da superficialidade com que o Estado afastado da política e comprometido com as determinações do capital, do mercado consumista, pode contribuir no desenvolvimento de uma capacidade de resistência ao canto da sereia do individualismo consumista[1]. Bauman consegue visualizar no movimento massivo às compras, ainda que seja comportamento desprovido de crítica e de consciência individual, um comportamento coletivo. Então, desde a ambivalência, paira uma possibilidade de organização da ação coletiva como compreensão pode ser facilitada se atentarmos para o fato de que “Tudo ou quase tudo em nosso mundo, está em constante mudança” (BAUMAN, 2011b, p. 7). Talvez um ponto crucial esteja localizado “Entre a aceitação resignada e a decisão arrojada de desafiar a força das circunstâncias”, pois aí, para Bauman (2011b, p. 217) “está o caráter. É o caráter de um ator que submete as escolhas, aprovadas em testes de *probabilidade* ou *plausibilidade*, a outro teste, muito mais exigente e menos apto a transigir ou menos paciente com as escusas: o teste da *aceitabilidade moral*”. Suscita, dessas relações, paradoxais, dialéticas, ambíguas, polifônicas, portanto, ambivalentes, um germen de solidariedade, juntamente com um dilema moral: “Preservar o conforto e a segurança física não compensa a aflição espiritual de ver pessoas sofrendo nem as dores da consciência ferida” (BAUMAN, 2011b, p. 217). Mais uma vez, julgamos aprender com Bauman que a solidariedade, ainda que na nebulosa e volátil sociedade da liquidez, permanece como porto onde as âncoras da condição humana possam ser lançadas. A educação de nossos tempos parece ter nessa descoberta, a primeira grande lição.

## Referências

- BAUMAN, Zygmunt. **Café Filosófico: Estratégias para a vida** - Encontro com Bauman. Entrevista publicada em 13/10/2014. Disponível no endereço: <https://www.youtube.com/watch?v=7BbMKM1bcSw>, capturado em 01/08/2016.
- BAUMAN, Zygmunt. **Sobre educação e juventude**: conversas com Riccardo Mazzeo. Rio de Janeiro : Zahar, 2013.
- BAUMAN, Zygmunt. **Bauman sobre Bauman**: diálogos com Keith Tester. Rio de Janeiro : Zahar, 2011a.
- BAUMAN, Zygmunt. **44 Cartas do mundo líquido moderno**. Rio de Janeiro : Zahar, 2011b.
- BAUMAN, Zygmunt. **Vida líquida**. 2.ed. Rio de Janeiro : Zahar, 2009.
- BAUMAN, Zygmunt. **Comunidade**: a busca por segurança no mundo atual. Rio de Janeiro : Zahar, 2003.

BAUMAN, Zygmunt. Desafios educacionais da modernidade líquida. Rio de Janeiro :**Revista Tempo Brasileiro**, nº 148, p. 51-58, jan-mar, 2002.

BAUMAN, Zygmunt. **Modernidade Líquida**. Rio de Janeiro : Zahar, 2001.

SINGLY, François de. **Uns com os outros**: quando o individualismo cria laços. Lisboa : Instituto Piaget, 2006.

[1] “A ignorância produz a paralisia da vontade. A pessoa não sabe o que lhe está reservado nem tem como avaliar os riscos. [...]a dominação por meio da ignorância e da incerteza deliberadamente cultivadas é mais confiável e barata do que um governo com base num profundo debate dos fatos e num longo esforço de atingir a concordância quanto à verdade e às formas menos arriscadas de proceder” (BAUMAN, 2009, p. 165).